

RESUMO:

O texto busca relatar a experiência de um grupo de mulheres do município de Matinhos, sito no litoral paranaense, em formar organização popular, o artigo busca ressaltar os medos e as expectativas das mulheres bem como os desafios para a auto-gestão, para o protagonismo do grupo, ao organizar e operacionalizar as atividades. A metodologia pauta-se na pesquisa-ação, utilizando falas e os registros, no decorrer das reuniões, na definição das regras internas, nas formas de comunicação das informações do artesanato e nos registros da pesquisadora no decorrer da vivência no projeto e nos diálogos informais. Até o momento, é possível observar que o grupo se fortaleceu devido ao vínculo de confiança entre os proponentes e principalmente devido ao respeito às diferenças. O espaço livre para falarem e para se envolverem, nas decisões, levou-as a valorizarem o saber individual e a se comprometerem. Ao sentirem-se valorizadas, a demanda sobre seu saber, levou-os ao compartilharem o que sabem e a se preocuparem com as companheiras de grupo.

PALAVRAS CHAVES: Organização popular. Auto-gestão. Vínculos de confiança.

ABSTRACT:

The text intends to describe the experience of a group of women of Matinhos, a coast town of Paraná, in what relates to constitute a popular organization. The article aims to highlight the fears and the expectations of the women, as well as the challenges for self-managements, namely the role of the group in the organization and the working activities. The methodology staff is researching, using the words and the records during the meetings, defining internal rules, ways of communicate information and recording of the craft during the researcher's experience in workmanship and informal dialogues. So far it is possible to see that the group strengthened itself, because of the bond of trust between the proponents, and mainly because of the respect for differences. The space to talk and to involve the group in decisions led the people to value knowledge and personal commitment. Demanding on their knowledge, they felt valued, and then they began to share what they knew and to care about themselves with the fellow workers.

KEYWORDS: Organization popular. Self-management. Linkages of confidence.

Formação de organização popular, e os desafios da prática

O município de Matinhos localiza-se no litoral paranaense, com atividades econômicas baseadas principalmente no turismo, na pesca artesanal, na agricultura e na indústria da construção civil. Na temporada de verão, verifica-se grande incremento das atividades, quando a demanda de empregos diretos, indiretos e informais aumenta em grande quantidade (Bigarella, 1999).

Keite de Cássia NOGUEIRA¹, Daniel Gustavo FLEIG²
Cristiane Rocha SILVA³, Marília Ferreira Pinto MURATA⁴
Sandra Pereira PIRES⁵, Simone Nunes BARCELOS⁶
Nataly Cavalcanti ZAMPERIN⁷, Maura do Carmo MARQUES⁸
Rosemara Martins LEAL⁹

¹ Bacharel em Administração com Ênfase em Comércio Exterior pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá (FAFIPAR). Bolsista do Programa Universidade sem Fronteiras.

² Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras UFLA. Gestão Social, Ambiente e desenvolvimento. Professor da FAFIPAR. Orientador do presente artigo, Colaborador do Programa Universidade sem Fronteiras.

³ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras UFLA, Professora da UFPR Litoral, Coordenadora do projeto, Orientadora do artigo.

⁴ Mestre em Psicologia, Professora da UFPR Litoral, Orientadora do projeto.

⁵ Bacharel em Serviço Social, Funcionária pública Municipal, Orientadora do Projeto.

⁶ Licenciada em História, Bolsista recém formada do Programa Universidade sem Fronteiras.

⁷ Graduando em Gestão e Empreendedorismo, Estagiária do Programa Universidade sem Fronteiras.

⁸ Graduando em Pedagogia, Estagiária do Programa Universidade sem Fronteiras.

⁹ Graduando em Pedagogia, Estagiária do Programa Universidade sem Fronteiras.

Em Matinhos, está sediada a Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, destinada a promover o desenvolvimento regional sustentável, desdobrando-se em projetos sociais de transformação da realidade. Segundo Dowbor 2007, a preocupação com o resgate da identidade cultural e do reconhecimento das potencialidades regionais envolve o empoderamento da população, como protagonista do desenvolvimento e da identificação das necessidades da comunidade. Assim, ao propiciar um espaço de construção e de decisão para os membros da comunidade poderem refletir e agir sobre a própria realidade, o capital social é fortalecido, e o desenvolvimento endógeno é propiciado (MATOS, 2007).

Essa perspectiva fundamenta o presente projeto com título "Promoção da qualidade de vida por meio do desenvolvimento humano, cultural e profissional das famílias vinculadas ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI", parte do programa Universidade sem Fronteiras da Secretaria de Estado da Ciência Tecnologia e Ensino Superior do Paraná. Nossas atividades focaram alguns bairros do município, como Tabuleiro e Vila Nova, onde visivelmente as condições de vida são mais precárias.

O projeto priorizou ainda o fomento ao artesanato, atividade que propicia utilizar os recursos abundantes na região, e permite agregar valor ao impacto social, comercializando o produto, sendo ele sustentável. A atividade agrega a identificação cultural do litoral, a contribuição social da cooperativa popular, enquanto melhora a distribuição de renda e, ao mesmo tempo, atende à necessidades de mercados compradores específicos, de forma a remunerar o trabalho e a propiciar espaços para formar o indivíduo integral.

A parceria com o governo do Estado do Paraná está em andamento há quase um ano, contando com uma equipe de dois recém formados, sendo um deles, a autora desse texto, com formação em Administração, e a segunda, com formação em História. Ainda quatro estagiários de graduação, dos cursos de Gestão e Empreendedorismo (UFPR _ Litoral) e Pedagogia (FAFIPAR), dois professores orientadores da UFPR Litoral formado em Administração e em Psicologia; contando ainda com uma Assistente Social, do município de Matinhos, e com um professor orientador, colaborador, vinculado à FAFIPAR, formado em Administração. O objetivo principal da equipe é melhorar a qualidade de vida das famílias, com base na formação cultural humanística e nas alternativas de geração de renda favoráveis ao

desenvolvimento local.

Participam da oficina um grupo heterogêneo de mulheres, com habilidades ou com interesses em artesanato. O seu cotidiano utiliza, como recursos fundamentais, a criatividade, a solidariedade e o diálogo. Nas rodas de atividades, que também são rodas de conversa, acontece a troca de conhecimentos, uma passa para a outra aquilo que sabe, discutindo sobre o que não sabem e sobre o que desejam saber. Assim, aprendem e ensinam, e a partir daí, constroem conhecimento, além de laços de confiança e convívio, que fortalecem e unem o grupo.

Como nos diz Martins (2000), o senso comum não seria apenas ferramenta de repetições, tampouco é tido como comum, por ser banal, mas por se tratar de conhecimento compartilhado pelos sujeitos de dada situação social. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção”, bem lembrada pelo professor Luiz A. Cunha, inspirado em Paulo Freire, durante o Primeiro Encontro Regional do Programa Universidade Sem Fronteiras em Ponta Grossa. Trabalhamos na perspectiva Freireana, utilizando os níveis de consciência de Paulo Freire, considerando a importância da consciência crítica, onde o indivíduo tem a capacidade de se afastar da sua realidade e de problematizá-la.

No decorrer dos encontros, o grupo passou por algumas dificuldades, como oscilações com relação ao número de participantes e falta de recurso material devido a questões burocráticas. Essas situações foram fundamentais para o grupo amadurecer e para fazer desabrochar a criatividade, ao buscarem material alternativo, ou mesmo, na solidariedade expressa, de umas para com as outras, cedendo o que havia de material e produzindo algumas peças.

Ao iniciar-se uma pequena produção, surgiu a possibilidade de o grupo participar do primeiro evento, para expor as peças na Feira de Profissões da UFPR Litoral. Com isso, surgiu a necessidade de elaborar as regras do grupo, de discutir a formação do preço, entre outros. Aí se verificou o surgimento de conflitos, nas situações onde o grupo é estimulado a buscar soluções para os problemas cotidianos ou a pensar estratégias. Uma tentou delegar a outra ou aos orientadores do projeto, o direito de decidir por elas, como também considerar; o que faz melhor, é produzir e deixar as questões “difíceis” para os outros, como exemplo, temos a fala de uma das participantes do grupo na ocasião.

“Ah, pra mim o que vocês decidirem está bom, vocês é que sabem”.

Entendemos ser a autogestão a não separação entre trabalho manual e intelectual, caracterizando as relações de trabalho, do tipo democráticas, igualitárias, transparentes e solidárias.

Para a autogestão se realizar, é necessário que todos os membros saibam o que acontece no seu grupo (empresa), pois exige esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária, onde todos devem se preocupar com os problemas gerais. “A autogestão promete ser eficiente em tornar empresas solidárias, além de economicamente produtivas, centros de interação democráticos e igualitários (em termos), que é o que seus sócios precisam”. (Singer 2002)

Sendo o grupo plural, e as entradas de novos

companheiros, esporádicas, nos baseamos na pesquisa de Cançado, que chega ao diagnóstico de autogestão funcional, caracterizada por pessoas, em diferentes níveis de consciência, em que, mesmo com os instrumentos de participação disponíveis, alguns membros do grupo optam por não participar, delegando aos demais as tomadas de decisão. Esse fato é parte do processo, para chegar à autogestão; assim percebemos a importância do nível de consciência dos participantes, que se alcança pelo processo de conscientização.

Neste sentido, optou-se por sistematizar a vivência na organização do grupo de artesanato e por compartilhar com os colegas pesquisadores, os meandros do grupo em uma perspectiva freireana. A forma de relatar a experiência, na organização popular, buscou ressaltar, pela teoria e pela prática, a sensibilidade necessária, para identificar as aspirações, as expectativas, as frustrações e medos dos participantes nos desafios do protagonismo na construção de alternativas para desenvolver o local. Conhecimento esse que incrementou a formação dos recém-formados e aos acadêmicos, envolvidos no âmbito profissional e no humano.

HISTÓRICO DAS ORGANIZAÇÕES POPULARES NO BRASIL

As organizações populares, baseadas na associação de trabalhadores e na autogestão, buscam superar a exclusão, gerada pelo capitalismo. Conforme encarte: *O cooperativismo Autêntico e a Economia Solidária*, até os anos 70 a existência de organizações populares esteve restrita a alguns setores da economia, principalmente no meio rural, muitas vezes estas cooperativas de produtores rurais não se constituíam em cooperativas autogestionárias, mas se utilizavam da forma jurídica de cooperativa para encobrir relações de subordinação. Uma maneira que os capitalistas encontraram para se utilizarem desta conquista dos trabalhadores, para obterem lucro para si mesmos, foi criar as coooperatas. (coooperatas são falsas cooperativas que funcionam como empresas capitalistas, já que se utilizam do modelo legal das cooperativas, para explorar em ainda mais seus empregados, precarizando os direitos garantidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas.

A partir dos anos 80, com o processo de redemocratização do Brasil, vários setores da sociedade despertaram para a necessidade de que a democracia necessitava se expandir para outras esferas da vida, e não só ficar restrita à política institucional, particularmente, à do mundo do trabalho.

Outro fator importante para movimentos populares crescerem, foi a crise da década de 90, quando se adotou, na maioria dos países, as políticas neoliberais, com o Brasil sofrendo essas políticas com maior intensidade, após sua abertura econômica à economia internacional. (Brasil, 2006).

Tais políticas caracterizam-se basicamente por desregulamentarem a circulação financeira internacional, acarretando, em políticas nacionais, na abertura

econômica, a substituição do pleno emprego pelo desemprego de reserva, e pela desestrutura dos serviços públicos essenciais, como saúde, educação, habitação, entre outros.

A globalização financeira e econômica acarretou acirramento da concorrência entre as empresas nacionais e as multinacionais, e destas entre si; muitas fábricas faliram por todo o país, gerando milhares de desempregados; Substituíam ainda funcionários por máquinas, devido ao grande aperfeiçoamento tecnológico com automatização, informatização e barateamento das telecomunicações.

Diante desse quadro, vem emergindo um conjunto de iniciativas próprias dos trabalhadores, cujo objetivo é tentar se re-inserir no mercado através de formas associativas de produção. O fenômeno passou a ser conhecido e nomeado, no Brasil, como economia solidária (Singer, 2000).

De acordo com Arroyo e Schuch (2006), na economia solidária, têm emergido práticas de relações econômicas e sociais que, de imediato, vêm propiciando a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas em diferentes partes do mundo.

Essa economia encontra-se na atualidade em, franco processo de desenvolvimento. Para sobreviver e para se desenvolver, nesta sociedade, faz-se necessário confrontar dinâmica e permanentemente, seus princípios socialistas com os vigentes na realidade econômica atual. Embora saibamos que a Economia Solidária das injustiças do capitalismo, orientando-se de modo a superá-las, é em nela que os trabalhadores produzem, comercializam e calculam seus custos e suas retiradas.

Para auxiliar a superar as dificuldades encontradas nos empreendimentos iniciou-se um movimento que passou a fomentar práticas de autogestão, em que vários autores sugerem construir uma estratégia que articule politicamente as redes constitutivas de economia solidária. É esse o caminho que apontam os fóruns estaduais e as redes nacionais e internacionais, conforme observado no Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre em janeiro de 2002.

A universidade tem papel importante no processo, revendo e elaborando referências teóricas e contribuindo com experiências concretas, experimentando a utopia na produção coletiva de saberes, nos projetos comunitários e nas redes locais e globais.

METODOLOGIA

A metodologia pauta-se na pesquisa-ação, utilizando-se das falas e dos registros no decorrer das reuniões, na definição das regras internas, nas formas de comunicação das informações do artesanato e nos registros da pesquisadora no decorrer da vivência no projeto e nos diálogos informais.

Aconteceram vinte e cinco encontros da oficina de artesanato, com reuniões temáticas, com participação na Feira de Profissões, e nos momentos de confraternização. A oficina é realizada uma ou duas vezes na semana,

participando uma média de sete mulheres, além da equipe de bolsistas. A maioria delas já tinha habilidade para algum tipo de artesanato; outras confeccionaram suas primeiras peças na oficina. O conhecimento que cada uma tem é compartilhado, buscando aprender, juntas, as novidades que surgem, relacionadas ao artesanato. As perspectivas de educação popular e de economia solidária são semeadas nos círculos de conversa, buscando nos aproximar, o máximo possível, da sua realidade. E ainda aplicando questionário, diálogos informais, fazendo visitas às suas casas, conhecendo assim os membros da família e seu cotidiano. A escolha do artesanato, das regras, da participação em feiras, entre outros, é sempre feita nos círculos de conversa, onde a problematização é uma ferramenta muito utilizada, fomentando a participação, a construção da consciência crítica, a criatividade e a superação dos conflitos.

A abordagem metodológica fundamenta-se na Educação popular, freireana, valorizando o saber popular e a politização do indivíduo por meio da leitura de mundo e da reflexão sobre o ser no mundo. Considerando-se, pois, capaz de refletir e de atuar sobre a sua realidade. Baseando-nos em níveis de consciência, de Paulo Freire, percebemos que a autogestão só se torna viável, quando os cooperados se percebem no nível de consciência crítica, que pode ser caracterizado pela capacidade do indivíduo de se afastar da sua realidade objetiva e de problematizá-la.

A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE ARTESANATO

O início do trabalho se deu com levantamento inicial de informações sobre as famílias vinculadas ao PETI, com visitas *in loco* e com aplicação questionários que buscando informações entre outras, sobre habilidade e sobre interesse em artesanato. Identificamos o interesse de uma participante em confeccionar bonecas de pano devido à sua história de vida. O grupo realizou levantamento de preços, de alternativas de modelos e de custos e de potencial de mercado. A necessidade de máquina, porém, levou-a a optar por outras atividades.

Após analisar os questionários, visitou-se as famílias potenciais novamente, convidando-as a se inscreverem para as oficinas. Outras formas utilizadas na tentativa de mobilização, foram divulgar na rádio local e as oficinas de sabão caseiro. Após, a equipe vai até a residência da pessoa que fez inscrição, propondo-se a convidar os amigos e os vizinhos, levando o material necessário para confeccionar o sabão, além de equipamentos de segurança e receitas, que são distribuídas aos participantes, sendo que aproveitando essa reunião de pessoas, divulgamos as atividades e convidamos todos a participar.

Foram várias as tentativas de mobilização, mas as que realmente surtiram resultado foram as visitas às famílias cuja realidade conhecemos mais de perto através de conversas informais, de chamadas na rádio e de divulgação boca a boca após o início da oficina.

Os bolsistas tiveram e ainda continuam tendo, encontros continuados, para formação, com referencial de Paulo Freire, fazendo leituras de livros e de artigos, voltados à educação popular, ao grupo de discussão temática, aos trabalhos em equipe, às pesquisas e aos debates.

E só então, deu-se início à oficina de artesanato, contando com atividades de tear, de crochê, de tricô, de bordado, e de

reaproveitamento de retalhos cedidos por uma estofaria. No início, o grupo, contou com instrutores de oficinas, voluntários. A perspectiva de oferecer um curso, porém contrastou com a perspectiva de educação até então incentivada, de participar e de valorizar o saber popular. Concomitantemente, uma das participantes prontificou-se a ensinar o que sabia, recebendo, em troca, material assim que fosse liberado, o que aconteceu em um período de três meses. À medida que as participantes foram dominando algumas técnicas e valorizando seu saber, em discussão coletiva, decidiam que cada uma ensinaria o que sabe, descartando a pessoa do instrutor.

Foi construído um cartaz com o grupo, na expectativa de chegar o material, uma forma de discutir e de refletir, buscando conscientizar o grupo. Trata-se, pois, de opiniões de todas as participantes sobre ações que levam, do individualismo ao coletivo, e depois, sobre situações que tornam ações coletivas individuais.

Tanto as regras como a formação do preço das peças foram construídos com o grupo, em alguns dos encontros temáticos da oficina, problematizando situações possíveis até chegar a um consenso.

QUADRO 1 - Relação individual/coletivo

Individual p/ coletivo	Coletivo p/ individual
Um gostar do outro	
Querer para todos	
Comprometimento	Querer se sobressair
Flexibilidade	Individualismo
Cada um dar um pouco de si	Quebra de confiança
Reconhecimento da fraqueza	Falta de respeito
União	Diferenças
Perseverança	Teimosia
Acreditar	Se sentir usada
Interesses comuns	Não se sentir parte do grupo
Estratégia/meta	Fofoca
Estabelecer regras do jogo	Intolerância
Respeito à individualidade	
Flexibilidade	

Fonte: dados da pesquisa-ação

A Feira de Profissões foi uma experiência bastante produtiva, pois várias peças foram comercializadas, além do esperado, havendo certa demanda de encomendas, sendo que, a partir daí, perceberam que as peças foram comercializadas a preço baixo, devido à baixa estima, a falta de segurança e à falta de experiência do grupo. A feira serviu como injeção de ânimo, para estimulá-las a mostrar em seu potencial e a perceber em que o artesanato poderia gerar renda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que iniciamos o trabalho, a maior dificuldade foi mobilizar pessoas, para participarem do projeto. Uma das conclusões a que chegamos foi que, os vínculos de confiança não são estáveis, quando cada família vem de um lugar. Aplicamos questionário ou conversamos com pessoas que eram vizinhas e não se conheciam, e constatamos que, mesmo na dificuldade enfrentada por todos, cada um por si, procurava, isoladamente resolver seus problemas.

Até o momento é possível observar que o fortalecimento do grupo está relacionado a o vínculo de confiança entres os

proponentes e principalmente respeito às diferenças. A experiência dos participantes fundamenta-se na criatividade, na solidariedade e no diálogo como, valores essenciais para fortalecer a organização social em foco. O espaço livre para falar e o envolvimento nas decisões levou-as a valorizarem o saber individual e a se comprometem. Ao sentirem-se valorizadas, a demanda sobre seu saber levou-as a compartilharem o que sabiam e a se preocuparem com as companheiras.

Os desafios de fomentar o protagonismo no grupo envolvem tanto a credibilidade dos envolvidos na equipe do projeto, como a liberdade de participar. A aproximação do público-alvo foi carregada de muita desconfiança e de muita cautela devido a inúmeras tentativas, já frustradas, com discursos carregados de perseverança e de assistencialismo, refletidos, de preconceito e de autoritarismo no decorrer da prática. O maior desafio está, pois, em romper na atitude da equipe e do público-alvo, o reflexo do que são as atitudes da sociedade em relação ao ser humano, especialmente em relação àquele proveniente de classes populares.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, Criz Fernández. **Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano.** Cad. psicol. Soc. trab. v.9 n.1. São Paulo - jun. 2006.

ARROYO, João Cláudio Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. **Economia Popular e Solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

BIGARELLA, João José. **Matinho: homem e terra – reminiscências...** 2.ed. Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos/ Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza, 1999.

BRASIL. **Documento da I Oficina Nacional de Formação/ Educação em Economia Solidária: documento final.** – Brasília: TEM, Senaes, SPPE, DEQ, 2006.

BRASIL, **O cooperativismo Autêntico e a Economia Solidária** :Agência de Desenvolvimento Solidário. Elaborada com base em textos de Egeu Esteves, synval Costa e Robson do Nascimento, 2006.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. **Homens e mulheres de palavra: Sobre o diálogo.**

CANÇADO, Airton Cardoso. **Autogestão em cooperativas populares: Os desafios da prática.** 2004

DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local.** Internet. Disponível em: <<http://dowbor.org/06edulocal.doc>>. Acesso em 01 ago. 2007.

LACOMBE, F.J.M.; Heilborn, G.L.J. **Administração: princípios e tendências.** 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2003. ISBN 85-02-03788-9.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MATOS, Aécio Gomes de. **Capital Social e Autonomia** Disponível em: < <http://www.capitalsocial.hpg.ig.com.br/artigos/artigo1.rtf> > Acesso em 31 de julho de 2007.

MOURA, Maria Suzana. Meira, Ludimila Meira. **Desafios da gestão de empreendimentos solidários.** BAHIA ANÁLISE E DADOS, Salvador Sei v.12 n.1 p. 77-84 Junho 2002.

PEREIRA, M. C. C.: **Experiências Autogestionárias no Brasil e na Argentina.** 2007. Dissertação (mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** 1. ed. São Paulo : Fundação Perseu Albano, 2002.